

RESENHA:
RIVALIDADES E SOLIDARIEDADES
NO MOVIMENTO OPERÁRIO
(PORTO ALEGRE 1906-1911)

Benito Bisso Schmidt

A historiografia sobre o movimento operário gaúcho renovou-se profundamente na última década graças, em grande parte, à produção de teses e dissertações em diversos programas de pós-graduação do País.¹ Infelizmente, poucos desses trabalhos foram publicados e, neste sentido, é muito bem-vindo o lançamento do livro *Rivalidades e solidariedades no movimento operário (Porto Alegre 1906-1911)*, de Isabel Bilhão, versão modificada de sua dissertação de mestrado defendida em 1997 no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Nele, a autora propõe-se a um duplo objetivo: analisar a disputa interna pela tomada de poder na Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), fundada durante a primeira greve geral do Estado, em 1906, e examinar o papel das rivalidades e solidariedades na constituição do movimento operário porto-alegrense. Para tanto, divide seu texto em três capítulos: no primeiro, apresenta uma breve contextualização da organização operária no período estudado; a seguir, aborda os comentários de alguns dos principais jornais da cidade a respeito das comemorações do 1º de Maio de 1906 e sobre a greve do mesmo ano, destacando a criação da FORGS; e, no terceiro, trata da representatividade dessa entidade junto aos trabalhadores gaúchos, da disputa pela sua direção em 1910-1911 e da importância dos laços de solidariedade entre os militantes.

Bilhão elaborou um texto claro e bem estruturado, examinando fontes diversificadas, algumas inéditas (como uma entrevista realizada com Marat Martins Budaszewski, filho de Zenon de Almeida, destacado militante anarquista durante a Primeira República) e outras já bastante tra-

Benito Bisso Schmidt é professor no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BILHÃO, Isabel. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário (Porto Alegre 1906-1911)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

balhadas, mas que mereceram um olhar inovador (como a grande imprensa e os jornais operários de Porto Alegre). Os principais méritos da pesquisa, a meu ver, são dois:

a) A crítica a uma visão da história operária local por etapas, recorrente na historiografia, na qual se delimitam “fases” (mutualismo – socialismo – anarquismo – comunismo) que “se sucedem e suplantam, de forma linear, levando em conta uma ordem crescente de competência para organizar e dirigir os trabalhadores” (p.9). A autora propõe, ao contrário, uma perspectiva dinâmica, marcada pela constante tensão/interação entre grupos de diferentes orientações “que nunca chegam a superar definitivamente seus adversários, mantendo em seu bojo tanto características de ruptura quanto de continuidade” (p.13). Para comprovar essa idéia, Bilhão trata da disputa pela direção da FORGS em 1910-1911, muitas vezes tomada como o momento da superação dos socialistas pelos anarquistas na condução dos trabalhadores organizados do Estado. Mostra, então, que, apesar da vitória destes últimos, não há modificação considerável na atuação cotidiana da organização nem um expurgo dos socialistas do movimento operário local, existindo sim uma coexistência tensionada entre os diversos grupos.

b) O destaque dado ao papel das rivalidades e das solidariedades na história da organização operária, mostrando que esta não se constitui apenas a partir das ideologias e das instituições formalizadas, mas também através das querelas e dos afetos cotidianos. No primeiro caso, a autora aponta para a forte dose do que chama de “brilho pessoal” (p.110) nas disputas entre as lideranças operárias, que, freqüentemente, giravam mais em torno de ataques à honra do adversário do que propriamente de diferenças ideológicas. Tal é o caso da polêmica analisada no livro, entre Francisco Xavier da Costa, principal líder socialista de Porto Alegre, juntamente com seus aliados, e os anarquistas Polydoro dos Santos e Henrique Martins, em 1911, que redundou em um processo-crime por calúnia contra este último. Segundo Bilhão, “neste contexto, esfumaçam-se no ar as antigas divergências de cunho ideológico e ganham a cena as divergências pessoais de líderes importantes que disputam, palmo a palmo, a direção dos rumos do movimento operário” (p.95-96).

Em relação às solidariedades, sublinha-se a importância dos laços familiares, de amizade e de cooperação que muitas vezes são fundamentais para o trabalho de militância: “essas ligações afetivas e essas ações solidárias, por muito tempo esquecidas pela lógica [individualista] da modernidade, que impulsionam as utopias presentes no

movimento operário” (p.103). O caso concreto tratado é o de uma família de militantes anarquistas de destacada atuação não só no Rio Grande do Sul mas também no centro do País, tendo como fio condutor o casal Eulina Martins e Zenon de Almeida. A partir do depoimento de seu filho, Marat, mostra-se como os laços de solidariedade espalhavam-se para além de fronteiras geográficas rígidas, constituindo redes nas quais os militantes encontravam abrigo em caso de perseguições. Além disso, evidencia-se a mescla entre afetos e ideologia na própria transmissão da doutrina anarquista, como nesta frase do depoente: “Esperitina [sua tia, irmã de Eulina], quando saía comigo, me levava pela mão, aplicando a ideologia” (p.106). Enfim, a autora consegue demonstrar, através de exemplos como este, que:

A transmissão de ideologia não ocorre apenas de maneira formal, durante greves e agitações, tampouco ocorre apenas nos espaços sindicais, nas associações ou federações. A organização operária encontra espaço fértil também em volta das mesas dos bares, dos cafés, no interior das casas e das pensões, da mesma maneira que a educação dos filhos, o convencimento dos novos participantes, transborda de afetividade [...]. A organização de estratégias e de agitações, e mesmo dos textos que são publicados nos jornais operários, muitas vezes ocorrem em conversas informais entre familiares e amigos. O movimento operário convive, portanto, com a solidariedade e o afeto. E esses são componentes importantes, que merecem ser incorporados em nossos estudos sobre a memória operária brasileira. (p.108)

Apesar dessas grandes contribuições, algumas críticas podem ser feitas ao trabalho. A primeira, de ordem formal, diz respeito ao primeiro capítulo, o da “contextualização”, que, sem dúvida, fica aquém do refinamento analítico dos demais. A autora retoma, ao meu ver desnecessariamente e de forma muito geral, algumas questões por demais conhecidas, como o fim da escravidão, o início do assalariamento e a importância da economia do complexo colonial para a industrialização de Porto Alegre. A apresentação das primeiras organizações operárias da cidade também é muito esquemática e nem sempre articulada com o objeto específico da pesquisa. Acredito que o capítulo só cresce no final, quando Bilhão mostra que as divergências ideológicas entre socialistas e anarquistas não implicavam diferenças drásticas em sua atuação cotidiana junto aos operários. Talvez tivesse valido mais a pena incorporar o “con-

texto” no decorrer da narrativa, para que ele não parecesse “externo” ao tema estudado.

A segunda crítica, de ordem metodológica, diz respeito ao tratamento dado à entrevista de Marat Martins Budaszewski, uma das principais fontes do terceiro capítulo. Na maior parte das vezes, suas evocações são tomadas como um retrato fidedigno da realidade passada, sem que se leve em conta o caráter “construído” dessa fonte, tão debatido no campo da história oral. Tal problema fica claro no próprio estatuto atribuído à fala de Marat: ora ela é tratada como “conversa” (p.68), ora como “relato” ou “entrevista” (p.101), sem que se saiba como o depoimento foi tomado, em que condições e, principalmente, quem é o depoente hoje (idade, trajetória pessoal, filiação ideológica, etc.). Sabemos apenas que Marat “lembra-se lucidamente” (p.106), mas não o que isso significa concretamente. Dados como esses permitiriam uma melhor exploração da fonte, evidenciando, por exemplo, a idealização do passado por ele elaborada. Afinal, todos os trechos transcritos mostram uma visão harmônica do grupo anarquista, levando a própria autora a buscar o conflito em outro documento: nas memórias do anarquista Friedrich Kniestedt, companheiro de militância de Zenon, que o acusa de covardia por não assumir a autoria de alguns artigos publicados no jornal operário *O Syndicalista*. Enfim, penso que teria sido mais fértil perguntar-se como se dá, neste caso específico, o jogo da lembrança e do esquecimento característico do trabalho da memória.

No geral, contudo, o livro constitui-se em importante contribuição para um melhor conhecimento da história do movimento operário gaúcho, cumprindo o desejo da autora, que afirma, nas Considerações finais: “acredito que um trabalho de pesquisa deve levar, antes de tudo, a novas interrogações sobre um determinado tema” (p.109). Sem dúvida, muitos caminhos se abrem a partir de seu trabalho.

NOTA

1. A título de exemplo, podem ser citados os seguintes trabalhos: Aravanis, Evangelia. *Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico A Luta e o seu desejo de mudar o rumo da história em Porto Alegre (1906-1907)*. Porto Alegre, PPG em História/UFRGS, 1997 (dissertação de mestrado); Fortes, Alexandre. “Buscando nossos direitos...”: *trabalhadores e organização sindical na Porto Alegre de 1933 a 1937*. Campinas, PPG em História Social do Trabalho/Unicamp, 1994 (dissertação de mestrado); Gandra, Edgar Avila. *O cais da resistência: a trajetória do sindicato dos*

trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969. Cruz Alta: Editora da Unicruz, 1999 (originalmente uma dissertação de mestrado defendida no PPG em História/Unisinos em 1998); Loner, Beatriz Ana. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas, 1888-1937*. Porto Alegre, PPG em Sociologia/UFRGS, 1999, 2v. (tese de doutorado); e Silva Jr., Adhemar Lourenço da. *Povo! Trabalhadores! Tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre, 1917)*. Porto Alegre, PPG em História/UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado). A revista *Estudos Ibero Americanos* (Porto Alegre, PUCRS, v.22, n.2, dez. 1996) apresenta um panorama dessa produção recente.